

CARVALHO, Helder B. A. de. **Tradição e racionalidade na filosofia de Alasdair MacIntyre**. 2ª ed. Teresina: EDUFPI, 2011. 186p. ISBN 978-85-7463-410-4.

José Elielton de Sousa  
UFPI

O autor do livro, Helder Buenos Aires de Carvalho, é doutor em filosofia pela UFMG (2004), com estágio doutoral no Boston College, USA (2001) e fez estudos de pós-doutorado em filosofia pela PUCRS (2010); é professor do departamento de filosofia da UFPI, onde exerce atualmente a coordenação do Mestrado em Ética e Epistemologia. Tem também publicado *Hermenêutica e Filosofia Moral em Alasdair MacIntyre* (2013), *Temas de Ética e Epistemologia* (org.) (2011), além de vários capítulos de livros e artigos em periódicos nacionais e internacionais.

Oriundo da dissertação de mestrado do autor defendida em 1997 na UFMG, o livro *Tradição e racionalidade na filosofia de Alasdair MacIntyre*, que teve sua primeira edição esgotada, publicada em 1999 pela Unimarco Editora, é a primeira obra em português dedicada à análise da filosofia de um dos mais inquietantes pensadores contemporâneos, o filósofo escocês radicado nos Estados Unidos, Alasdair MacIntyre – agora reeditada pela Editora da UFPI. Nesta obra, o autor apresenta a filosofia moral de Alasdair MacIntyre analisando os conceitos de tradição e racionalidade e aproximando sua concepção geral da racionalidade ética das tradições da noção de paradigma proveniente da filosofia da ciência de Thomas Kuhn.

A obra está dividida em três capítulos, onde é exposto de forma clara e sistemática o pensamento macintyriano, notadamente seu enfrentamento do problema da racionalidade ética e sua relação com a tradição.

No primeiro capítulo, *O diagnóstico: a desordem na teoria e na prática morais contemporâneas*, o autor expõe os pontos centrais do diagnóstico macintyriano do estado de desordem predominante na teoria e na prática morais contemporâneas, resultante da adoção, na modernidade, de um modelo de racionalidade ética negadora das tradições, o projeto ético iluminista. Nele é apresentado o ponto de partida da reflexão macintyriana, qual seja, o estado de desordem em que se encontra a moralidade contemporânea, marcado por argumentos conceituais rivais intermináveis e incomensuráveis, com origens históricas heterógenas, mas que, apesar disso, se pretendem racionais e impessoais. A contrapartida sociológica do diagnóstico macintyriano expõe um *ethos* social permeado pelo emotivismo, que nega a validade racional de qualquer proposição moral, e que encontra nas figuras do esteta rico, do gerente burocrático e do terapeuta a expressão das práticas instrumentalizadoras que

obliteram qualquer distinção genuína entre relações sociais manipuladoras e não manipuladoras; estes personagens encarnam em suas práticas pseudo-conceitos e máscaras morais, ocultando um eu individualista, anterior à sociabilidade, cuja identidade é arbitrária, vazia de qualquer conteúdo ou determinação social.

Segundo o autor, esse estado caótico de desacordos endêmicos entre posições morais rivais é visto por MacIntyre como herança do fracasso do projeto iluminista de uma moralidade universal e independente de tradições morais, práticas e contextos sociais. Os pensadores iluministas fracassaram porque compartilhavam um fundo histórico comum de crenças morais, herdado do seu passado cristão, mas privados de esquema teleológico que lhe dava coerência e sustentação, a saber, o esquema teleológico da *Ética a Nicômaco* de Aristóteles. Assim, os problemas da teoria moral moderna aparecem claramente como produto final do fracasso do projeto do Iluminismo, que, por um lado, liberou o agente moral de todo e qualquer vínculo com hierarquias e teleologias, tornando-o soberano em sua autoridade moral, e, por outro lado, transformou as regras morais em mero instrumento dos desejos e vontades arbitrárias do agente moral individual. Esse novo modelo de raciocínio prático e de fundação racional forneceu as bases para a hegemonia do emotivismo na teoria e na prática morais contemporâneas e para o estado de desordem e desacordo endêmico no qual nos encontramos. A consequência última dessas escolhas feitas pela modernidade iluminista é a encruzilhada final a que ele conduziu: a escolha entre sustentar o projeto nietzschiano de uma crítica radical da moralidade ou retomar a perspectiva da ética aristotélica das virtudes como forma de devolver coerência e racionalidade ao desacordo moral reinante na cultura moderna.

No segundo capítulo, *O medicamento: retorno à ética de Aristóteles*, o autor apresenta as linhas gerais da medicação que MacIntyre propõe para os problemas e impasses identificados nas teorias e práticas morais contemporâneas, isto é, as bases teóricas de sua defesa da retomada da ética aristotélica das virtudes, agora reelaborada sob a categoria de tradição de pesquisa racional. Segundo ele, MacIntyre opera sua reflexão fazendo da tradição um constitutivo fundamental do entendimento racional no âmbito prático, isto é, afirma a tese de que não existe racionalidade prática fora das tradições, mas apenas internamente às mesmas. É no conceito de tradição de pesquisa racional que MacIntyre formula sua concepção da pesquisa racional como constitutiva da tradição e constituída por ela, ou seja, uma racionalidade que tem correspondência com uma estrutura social historicamente marcada, portanto, cristalizada numa tradição social de práticas, e que carrega essa marca nas suas estruturas essenciais, não se compreendendo fora dessa mesma tradição sociocultural e se revelando a expressão racional das suas pretensões internas.

As tradições de pesquisa racional são sistemas filosóficos históricos constituídos em resposta às questões pré-filosóficas emitidas pelos participantes de uma determinada comunidade histórica de práticas que estão encontrando algum tipo particular de dificuldade, problema ou desacordo fundamental insistentemente não solúvel. A justificação racional vai ser sempre um empreendimento narrativo forjado no interior de uma tradição particular de pesquisa, uma vez que todas as doutrinas, teses e argumentos devem ser compreendidos em termos do contexto histórico e da narrativa da tradição na qual estão inseridos. As tradições são portadoras de uma

dinâmica interna para a qual o conflito é um elemento importante, pois ele é responsável pela definição e redefinição dos acordos fundamentais que estabelecem os primeiros princípios de uma tradição. Assim, só podemos identificar adequadamente nossos próprios compromissos e os dos outros os situando dentro das histórias, internas às respectivas tradições, que os fizeram ser o que são hoje.

Segundo o autor, é fundamentalmente em Aristóteles que MacIntyre vai encontrar o exemplo maior dessa compreensão da pesquisa racional ou filosófica como tradição. MacIntyre se apropriação da ética aristotélica das virtudes inserindo-a numa narrativa histórica mais ampla, que ele chama de “tradição clássica”, situando-a como um momento particular de uma sequência maior em que assume boa parte da produção teórica que a antecedeu e, ao mesmo tempo, é fonte e estímulo para grande parte da reflexão filosófica que o sucedeu. O levantamento das concepções de virtude em cada um dos estágios dessa tradição clássica de pensamento e ação revela as raízes dos elementos fundamentais que a compõem: das sociedades heroicas advém o vínculo visceral entre virtude e estrutura social; de Atenas e seus poetas e teatrólogos, a visão de conflito como central à vida humana e de sua unidade como portadora de uma estrutura narrativa dramática; de Aristóteles advém o esquema teleológico das virtudes, o vínculo com a *polis*, o nexos entre inteligência prática e virtude, o caráter do raciocínio prático e a superioridade da virtude sobre as regras; e, por fim, do período medieval, a componente propriamente histórica que é acrescentado a esse esquema narrativo de compreensão da vida humana como um todo.

MacIntyre operacionaliza sua reformulação do aristotelismo como tradição de pesquisa racional trazendo novamente para o centro da reflexão moral o conceito de virtude; segundo o autor, MacIntyre defende que é possível extrair um conceito nuclear unitário das virtudes capaz de dar à tradição aristotélica de pesquisa racional sua unidade conceitual. Uma compreensão mais detalhada do conceito macintyriano de virtude comporta três momentos definidores diferentes e interligados entre si, os quais constituem sua história: num primeiro, comporta uma explicação contextualizada do que venha ser uma prática; num segundo uma explicação do que venha a ser uma narrativa de vida humana singular; finalmente num terceiro, uma explicação mais completa do que constitui uma tradição moral.

No terceiro capítulo, *A posologia: a tradição de pesquisa racional como paradigma da racionalidade ética*, o autor procura esboçar a posologia macintyriana do remédio proposto para os males da moralidade contemporânea, isto é, entender o conceito de tradição de pesquisa operado por MacIntyre como paradigma da racionalidade ética. Segundo ele, a racionalidade ética, concebida por MacIntyre como constitutiva das tradições de pesquisa e por elas constituída, tem como referência epistemológica a racionalidade da ciência tal como teorizada por Thomas Kuhn, o que significa dizer que a racionalidade das tradições funciona com a mesma lógica da racionalidade dos paradigmas na ciência, ou seja, uma tradição de pesquisa racional é, na verdade, uma estrutura epistemológica similar ao paradigma kuhniano. A tradição de pesquisa racional em MacIntyre exerce as mesmas funções no âmbito da teorização moral que o paradigma no âmbito da teorização científica, centralizando em si tudo aquilo que é padrão determinante da atividade moral racional, desde o raciocínio prático para o agir concreto diante de situações particulares, até o nível da

fundamentação racional da moralidade enquanto tal; ela funciona como paradigma no âmbito da racionalidade ética, vez que fora das tradições de pesquisa não se pode falar de moralidade racionalmente estabelecida.

O autor mostra que MacIntyre encontra em Kuhn respaldo para sua valorização do aspecto sociológico na compreensão da moralidade, da racionalidade ética inserida em contextos coletivos, pois ambos reconhecem como procedimento essencial para a compreensão da moralidade e da atividade científica vê-las como um empreendimento coletivo, cujas estruturas epistemológicas são resultantes da partilha de padrões de pesquisa e de racionalidade que foram formados e se desenvolveram descontinuamente, como constituintes e constitutivos da história daquilo que chamamos de moralidade e de ciência, fora do qual não podem ser pensados, entendidos ou formulados.

Quanto à questão da incomensurabilidade entre tradições de pesquisa moral, o autor mostra que em MacIntyre a adoção da tese da incomensurabilidade das teorias é indissociável de uma compreensão historicizada do seu desenvolvimento sob a tutela de uma estrutura epistemológica que demarque a descontinuidade dando-lhe um sentido não aleatório, como faz o conceito de paradigma, sem, contudo, cair no relativismo ou, inversamente, num universalismo enfraquecido; MacIntyre corrige a perspectiva kuhniana com a inserção da componente narrativa que é característica das tradições de pesquisa racional, de forma que a própria descontinuidade posse ser percebida no interior de uma narrativa que lhe dê sentido e coerência.

O autor conclui afirmando que a referência à epistemologia kuhniana é uma das fontes fundamentais da filosofia moral de MacIntyre, mais especificamente de sua estruturação da racionalidade das tradições de pesquisa moral. A proposta macintyriana de retomar a ética aristotélica das virtudes é feita, assim, a partir de uma instrumentação conceitual contemporânea e não com um simples retorno a um enquadramento pré-moderno. Sua reflexão filosófica visa, antes de tudo, ofertar uma alternativa razoável para os que se encontram sob o predomínio do paradigma iluminista, tentando fazer com que o enfrentamento entre posições incomensuráveis, como a existente entre a dele e a posição liberal, não constitua um diálogo de surdos e nem um pacífico debate entre as partes envolvidas com base em padrões neutros e acima das particularidades das tradições.

A obra, além de muito bem escrita, apresenta uma análise abrangente dos principais conceitos da filosofia moral de Alasdair MacIntyre, mostrando a consistência argumentativa e a relevância deste importante pensador para o debate moral contemporâneo. É, portanto, uma referência obrigatória para todos aqueles que pretendem adentrar o pensamento deste polemico teórico contemporâneo, sejam alunos de graduação ou pós-graduação, de filosofia ou de áreas afins.

---

Doutorando em Filosofia (PUCRS);  
Mestre em Filosofia (UFPI, 2010);  
Professor Assistente/UFPI.  
E-mail: [jose\\_elielton@yahoo.com.br](mailto:jose_elielton@yahoo.com.br)